

Entrevista com Moema Soares de Castro Barbosa

“Lá dentro tem o incômodo que é a mulher que está na frente, é a mulher que está tomando conta.”

BARBOSA, Moema Soares de Castro (Entrevistada)

professora associada II, aposentada da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado (DEA) em Energética - Université de Toulouse III (Paul Sabatier) e doutorado em Engenharia de Processos - Institut National Polytechnique de Toulouse. Tem experiência na área de Engenharia Elétrica, com ênfase em Eficiência energética, atuando principalmente nos seguintes temas: energia, conservação de energia, energia solar, energia elétrica e planejamento energético. Avaliadora do Basis (INEP) nos instrumentos de avaliação de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de (bacharelado e licenciatura) na área de Engenharia Elétrica e avaliadora em Engenharia Elétrica para o Sistema Arcu-Sul.

GUEDES, RAQUEL DA SILVA (Entrevistadora)

Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), doutoranda em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail: raquel.silva.guedes@gmail.com

Entrevista concedida a equipe de pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de História e Memória da Ciência e Tecnologia em Campina Grande

Moema Soares: Meu nome é Moema Soares de Castro Barbosa. Nasci no dia 29 de março do ano de 1954 e daqui há alguns dias vou fazer 62 anos, muito bem vividos. Nasci na cidade de Cajazeiras, no alto sertão da Paraíba.

Raquel Guedes: Nasceu em Cajazeiras e veio para Campina [Grande] quando?

Moema Soares: Logo depois. Porque meu pai trabalhava na SANBRA [Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro]. Era na época áurea do algodão e ele fazia classificação de algodão, então ele foi para Cajazeiras para treinar as equipes do sertão. E minha mãe estava grávida já, com 6 meses (...) não, eu nasci pouco tempo depois. Eu nasci, quando estava com 6 meses, eles voltaram para Campina Grande, então eu não tenho nenhuma casa, não tenho parente, não tenho raiz em Cajazeiras. Só nasci em Cajazeiras, minha vida toda vivi em Campina Grande.

Raquel Guedes: E quando chegou aqui, onde você estudou, Moema?

Moema Soares: Eu estudei primeiro (...) deixa eu ir voltando (...), primeiro no grupo escolar Anísio Teixeira, era uma escola pública ali [no bairro da] Palmeira, pertinho da Igreja Nossa Senhora de Fátima. Depois, eu estudei na escola particular de Dona Jorieta, [no bairro da] Prata. Ela era a mãe de Jorgeson que é professor aqui de [Engenharia] agrícola, a sala dele é aqui de frente. Estudei um ano lá, depois eu fui para o Colégio Alfredo Dantas, estudei um ano no Alfredo Dantas, aí depois eu vim para a escolinha Santa Rita de Cássia que é vizinho a Igreja aqui [do bairro de] Bodocongó, era uma escola mantida pelo Redentoristas, aí pronto estudei o resto do primário lá, de lá fui para o PIO XI (...), fiz todo (...) na época era assim: Ginásio, fiz o Ginásio todo no PIO XI, aí o primeiro ano científico [como era chamado] naquela época [e hoje é] o Ensino Médio, porque naquela época tinha uma divisão: quem queria ir para engenharia era um tipo de direcionamento [escolar], quem queria medicina era outro. Eu já comecei a fazer para engenharia, aí fiz o primeiro ano no Colégio Estadual da Prata, e depois disso eu ganhei uma bolsa para o Redentorista. Então, o primeiro ano na Prata, segundo e o terceiro ano eu fiz no Redentorista, só que eu fazia o segundo ano e eu tinha que fazer as disciplinas técnicas do primeiro, porque eu não tinha feito o primeiro lá, fiz até o terceiro ano só, tinha a possibilidade de fazer o quarto para

poder ter o certificado técnico mas na época eu já tinha passado no vestibular, estava na universidade, não tinha interesse (...), não ia me adiantar fazer um ano a mais para ter um diploma técnico que eu não iria usar, porque estava fazendo engenharia. Então não fiz, fiquei só com certificado de auxiliar técnico (...), acho que é em telecomunicações, nem me lembro mais. Pronto, em 1973 entrei na universidade, já na minha época, minha turma já entrava no curso que queria, porque assim, até a turma anterior você entrava em engenharia, depois no segundo ano é que fazia escolhas, se ia fazer [Engenharia] Civil, se ia fazer [Engenharia] Elétrica, que na época acho que era só o que tinha: Civil e Elétrica. [Engenharia] Mecânica não sei se ainda tinha, porque depois Mecânica foi para [a cidade de] João Pessoa (...), eu não me lembro mais se ainda tinha mecânica na época, acho que era só Elétrica e Civil, mas eu já entrei na Engenharia Elétrica e terminei o curso [no ano de] 1977. Terminei um pouco antes da minha turma, porque eu e alguns outros colegas, a gente conseguiu fazer uns cursos de férias que tinha, a gente se metia em tudo. Tinha uns cursos que eram [no turno da] noite, a gente inventava de fazer, aí com isso a gente foi adiantando o curso e eu terminei em quatro anos e meio. Então, terminei na metade do ano de 1977, em julho (...) junho, eu acho. Interessante que no mesmo mês que eu coleei grau, meu pai colou grau, pois ele fez direito depois de certa idade e resolveu estudar e terminou junto no mesmo ano. Aí comecei o mestrado em [19]77 mesmo, comecei o mestrado, mas aí eu não cheguei a concluir o mestrado, eu não fiz a dissertação, porque entrei em [19]79 na universidade e fiquei só com o título de especialização. Então entrei como professora na universidade no dia 1 de abril d[no ano de] 1979. Sempre querendo sair para fazer mestrado, doutorado, tudo e meu marido mais devagar, só queria quando tudo tivesse organizado (...). Resultado: tive primeiro filho, tive segundo e foi ficando mais difícil. Mas quando foi em [19]88, a gente saiu para fazer mestrado. Na época, eu fiz só a monografia na França, não cheguei a fazer cursos, como eu tinha só especialização, então, eu fiz a monografia e entrei no doutorado. Terminei em [19]94, porque também voltei sem ter concluído (...) essa é uma longa história, minha orientadora morreu, depois de um ano de trabalho, a minha orientadora morreu e a gente vivia numa cidade que meu marido também fazia doutorado, para eu continuar o mesmo trabalho, eu tinha que ir para Grenoble que ficava a 500km de distância, não tinha a menor condição, com duas crianças pequenas. Meu filho mais novo tinha tido uma encefalite com dois anos, tinha ficado 12 dias em coma, com sequelas, então ele não andava direito, ele tinha dificuldade motora e em Toulouse tinha um centro de habilitação infantil fantástico, então eu não tinha como sair de Toulouse. Aí fiquei "zanzando" 3 meses procurando aonde ir, até que achei uma outra escola, uma escola de Engenharia Química (...) Instituto de Engenharia Química, que não tinha nada a ver, mas fiz meu doutorado lá. Bom, quando chegou no final do período eu não tinha concluído, aí pedi seis meses a CAPES [Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior], mais seis meses para eu terminar de escrever, porque eu adiantei (...) eu fiz toda a parte prática (...) porque eu digo, escrever, você escreve em qualquer lugar, a CAPES negou os seis meses. Eu vim embora e bom, quando você chega aqui (...) meu marido ficou, sem bolsa, porque a CAPES também negou, no caso dele era diferente, era porque o orientador ficava sugando, não queria soltar. Um aluno, com bolsa, não tem custo nenhum para ele então queria artigo e artigo, aí meu marido ficou sem bolsa e eu voltei, com dois meninos pequenos, para dar aula, para montar casa (...) é claro que eu não escrevi a tese nesse primeiro ano, aí quando meu marido voltou, eu disse "*agora, tome conta de casa, de menino*" (...) que não é bem assim, a gente pensa que é, mas não é, porque assim: homem ajuda quando não atrapalha, mas não assume, você tem que estar dentro, não é isso? Tem que fazer aquilo (...) você tem que estar no controle, não tem para onde. Me desculpe o amigo ali [aponta para um membro do grupo], mas [Risos]. Existem exceções, eu conheço homens que dão conta de tudo, eu conheço, mas a grande maioria das vezes é assim, na casa você tem que cuidar de casa, tem que gerenciar. É casa, menino, marido, tem que gerenciar tudo e sua vida profissional então (...). Resultado: um ano depois eu não tinha terminado, eu só terminei com mais um ano, ou seja, eu passei dois anos aqui e aquela história, aquela pressão que todo mundo dizia "*E terminou?*", "*Não terminei não*", "*Ah, termina mais não*". Olhe, dá uma vontade de eu voar em cima e dizer "eu termino". Ao invés de você receber incentivo, a história é essa, "*termina mais não*". Está bom (...) eu digo "*eu termino*". Aí, com dois anos, eu estava com tudo pronto e pedi a CAPES recursos para ir, a CAPES disse que não dava, porque já tinha passado mais de um ano, aí soltei todos os cachorros que tinha guardado, porque eu digo, o que é que é mais importante, cumprir uma regra de vocês ou você ter uma tese? Porque eu não tenho recurso e eu não vou bancar minha ida para defender minha tese. Claro que eu ia, porque eu não ia perder a tese por conta disso, mas eu não ia dizer isso a eles. Eu digo eu não tenho dinheiro, eu não posso voltar, aí passei na cara deles o seguinte: na época que eu estava na França, os seis meses que eles me negaram, tinha um professor de Santa Catarina que não tinha tido problema nenhum e ele teve um ano prorrogado, eu com toda questão da morte da orientadora, que eu relatei tudo isso, eles tinham conhecimento de tudo, mas quando eu fui pedir a prorrogação, eu juntei cópias de tudo, para mostrar que eu tinha perdido um ano de trabalho e estava pedindo seis meses, eu digo, tem hora que as regras de vocês servem, outras horas não, aí citei o nome do colega. Na época, vocês deram um ano para ele que não tinha intercorrência nenhuma e me negaram seis meses, agora estão me negando de novo? Isso foi um santo remédio, me



deram três meses de bolsa, passagem de ida e volta, aí finalmente 20 de dezembro de 1994, eu defendi a minha tese. Não foi fácil não, mas faria tudo de novo. Pronto, a vida escolar foi toda [Risos].

Raquel Guedes: O que foi que te levou a fazer Engenharia na época?

Moema Soares: Olhe, minha vida inteira eu dizia que queria fazer Medicina. Eu e meu primo, a gente dizia que ia montar uma clínica junto e etc., e esse meu primo de fato fez Medicina. Agora, eu sempre gostei muito de Matemática, sempre gostei muito de Física, de Química e quando chegou na época do científico, que você tinha que optar, se era Medicina ou Engenharia, eu acho que por conta dessa história toda, que eu gostava muito de Matemática (...) eu sempre tive a cabeça racional, muito de engenheiro como a gente diz, aí eu decidi fazer já o científico de Engenharia, depois quando eu ganhei a bolsa do Redentorista, aí pronto, aí direcionou (...) porque assim, eu quero fazer Engenharia, mas não tinha muito definido, quando eu fui pro Redentorista, aí pronto, acabou.

Raquel Guedes: E a família, como enfrentou essa decisão?

Moema Soares: Nunca teve nenhum problema não. Lá em casa, papai nunca foi de pressionar de fazer isso, fazer aquilo (...). Em relação a isso, sempre foi muito aberto, tanto é que lá em casa nós somos quatro homens e duas mulheres, as duas mulheres são engenheiras. Eu fiz Engenharia Elétrica e depois minha irmã fez Engenharia Elétrica também. Aí, dos quatro homens, um é Engenheiro Mecânico, dois são médicos e o outro é Médico Veterinário, quer dizer, os homens na área de saúde e as mulheres das engenharias.

Raquel Guedes: E quando você entrou na Escola Politécnica da Paraíba, como era o ambiente? Tinha muita mulher na sala ou só você?

Moema Soares: Tinha! Por incrível que pareça, na minha turma tinham muitas mulheres. Evidentemente que era muito menor que a quantidade de homens, eu não sei se precisar não, mas quando a gente entrou, nós éramos (...) sei não, mas acho que tinha umas quinze mulheres. A minha turma era uma das que mais tinha mulheres.

Raquel Guedes: Alguma delas chegou a desistir do curso ou todas terminaram?

Moema Soares: Já no primeiro ano teve uma que casou, outra fez concurso no Banco do Brasil e também saiu, outra acho que foi para o INSS [Instituto Nacional do Serviço Social], também deixou e teve (...) acho que duas (...) Luiza e o nome da outra, não me lembro (...) foi na época que apareceu o curso de Processamento de Dados, era um curso de dois anos só, de curta duração (...) e assim, estava começando a chegar computadores, o pessoal ganhava bem, então acho que duas delas migraram para esse curso.

Raquel Guedes: E em relação a ser mulher no curso? Existiam piadas por se tratar de um ambiente dito culturalmente masculino?

Moema Soares: Olha, eu não ligo, não... A essa altura do campeonato, está meio difícil você pegar muita coisa da minha cabeça, mas assim, não lembro não, sempre foi um ambiente agradável, não tinha essa história de comparação (...) eu não sei o porquê, se as mulheres que se “aventuravam” em fazer engenharia, é porque elas eram boas, não era qualquer aluno que estava ali, então, as alunas sempre eram boas alunas. Evidentemente, tinham umas mais fracas e tal, mas assim, nunca tive nenhum problema, não. Não me lembro dessa história.



Raquel Guedes: Vocês eram tidas como diferentes. Tinham uma carreira diferente para aquela época. Como vocês se sentiam em relação a isso? Porque ontem eu entrevistei uma professora do curso de Computação e ela disse que por muitas vezes, no cargo de professora, se sentiu um pouco restringida por ser mulher.

Moema Soares: Eu me sentia poderosa [Risos]! Nós éramos poderosas! Não é porque você é jovem, em uma carreira promissora, onde a grande maioria era homem e tudo (...) a autoestima era lá em cima, eu achava ótimo.

Raquel Guedes: Nessa fase, você já conhecia seu marido?

Moema Soares: Eu conheci aqui, na universidade, mas também assim, eu sempre me meti em tudo, então, quando cheguei, a gente começou a participar do centro acadêmico, que na época era (...) acho que era Grêmio (...) nem me lembro mais o nome (...) como era o nome (...) Diretório. Era o Diretório Acadêmico, e estava fechado por conta da Ditadura Militar e tinha um movimento para reabrir. Como era uma época de perseguição dura e pesada, a vertente que a gente tomava era mais cultural, a gente não estava doido para querer abrir uma coisa e fazer logo um discurso político, então, era o que, promover debate, trazia violão, trazia cantores, fazia curso de cinema (...) então, a gente reabriu o diretório nesse molde assim, pegando mais a área cultural e ele, na época, era diretor cultural do Diretório Acadêmico, ele entrou dois anos antes de mim. Então, a gente começou a fazer parte e terminou namorando e até hoje a gente está engrampado [Risos].

Raquel Guedes: A relação de vocês era amigável ou ele tentava restringir de alguma forma sua atuação profissional?

Moema Soares: Restringir não, mas tem ciúmes, entende? Tem uma ciúmeira. Isso eu tenho certeza, absoluta. Ele não assume isso de jeito nenhum, mas assim, eu fui presidente da ADUFCG [Associação dos Docentes da Universidade Federal de Campina Grande] e ele era professor também, hoje em dia ele é professor da universidade. Depois, fui chefe do departamento e ele era meu “subordinado” [Risos]. Sempre teve essa disputa, porque assim, eu sou uma pessoa muito proativa, não sou de esperar, meu temperamento é assim: eu vou, penso as coisas, quando delinear que é ali, eu vou e digo “é isso” e vou. Ele não, ele é de pensar, medir, refletir, analisar (...) um negócio que eu resolveria em 3 minutos, ele passa 3 meses para poder decidir, aí isso gera conflito vez por outra, claro. Porque eu quero me danar [aventurar, sair] (...), essa história do doutorado mesmo, antes de ter filho, eu estava querendo sair para o doutorado. Eu angustiada, queria porque queria sair e ele “*não, não*”, resultado, quando ele foi sair, o menino tinha quatro anos, a menina tinha seis. Vez por outra, tem uns “*arranca rabos*” [discussão], mas depois a gente se ajeita. Tem essa história, sempre teve. Como a gente trabalhou junto o tempo inteiro, junto no mesmo departamento, apesar que ele é de uma área e eu sou de outra, mas eu acho que tem esse ciúme, essa história de que “*não, você é mulher, então, eu que tinha que estar na frente*”, entende? Inclusive, a gente fez um tempo desse, por insistência dele, que eu não me incomodo, “*vamos fazer uma terapia de casais*”, eu digo “*vamos, oxente, não tem problema nenhum, eu faço qualquer coisa*”, porque ele fez duas cirurgias, ele tirou um tumor no cerebelo, com cinco anos voltou e fez de novo, então isso limitou muito. Ele tem problema de audição, problema de fala, equilíbrio não é muito bom. Então, restringiu muito o desempenho dele, aí isso agravou ainda mais a situação, porque assim, ele estava chegando no auge da carreira, ele terminou doutorado em [19]93, foi em [19]96, quer dizer, quando ele ia começar para valer, teve esse baque (...) aí sim, essa história, restringiu mais ainda. Desde que ele fez a cirurgia, tinha uma recomendação de que ele tinha que ter um acompanhamento psicológico, para ajudar toda questão da limitação que não é fácil, mas ele nunca assumiu e nunca quis, aí depois de muito batalhar, foi que ele aceitou a possibilidade de ir para um psicólogo, mas era para fazer uma terapia de casal. Eu disse: “*Vamos, não tem problema nenhum.*” E a gente foi, depois ele saiu, com raiva do psicólogo, dizendo que o psicólogo estava me elogiando e rebaixando ele. Porque o psicólogo um dia foi dizer as características de cada um, que minha característica era de liderança, então (...) aquilo ele ficou (...) e ele dizendo que “*você não, você é uma pessoa de equilíbrio, é quem segura a barra*” e ele dizia assim “*ela só faz o que faz, de sair e fazer as coisas, porque ela sabe que na retaguarda tem você, tem o apoio*”. Mas isso ele entendeu como uma diminuição. Aí, ele dizia que o psicólogo estava me enaltecendo e estava rebaixando a ele, desistiu. Para você ver que lá dentro tem o incômodo que é a mulher que está na frente, é a mulher que está tomando conta. E cada vez mais em casa é assim, porque ele tem muita limitação, eu não posso ficar esperando por ele, aí ele fica “*P da vida*” porque eu que resolvo as coisas, mas eu não posso, tem hora que você não pode ficar esperando pela criatura. As coisas andam, tem que andar. Não é fácil, não.



Raquel Guedes: Mas é uma formação cultural, a formação dele foi essa e eu estou achando, a partir dos relatos que já escutei, que embora ele tenha para ele essa restrição, ele aceita, porque há casos que os maridos fazem objeção acentuada.

Moema Soares: Com certeza! Teve uma época que eu era presidente da ADUFCG, por exemplo, a gente ia para a assembleia, aí chegava a hora (...) assembleia não tem hora para terminar, aí chegava a hora e tinha que pegar (...) nessa época só tinha, não isso já foi na segunda (...) é porque eu fui presidente em [19]80 e não tinha filho ainda. Em [19]84, eu fui secretária da ADUFCG em outra chapa e foi nessa época que a Maria [filha] era pequeninha, porque ela nasceu em [19]82, ela era pequeninha e tinha que pegar na creche, aí eu saía e pegava na creche, trazia e ficava com ela lá na assembleia, mas até hoje, ele fica vez por outra me buzinando com coisa (...) eu digo *“Marco, pelo amor de Deus, faz quarenta anos quase e tu ainda tá falando nisso?”* [Risos].

Raquel Guedes: E depois que terminou o doutorado, Moema, o que aconteceu?

Moema Soares: Então, depois que terminei o doutorado, eu voltei para cá [Campina Grande]. Você volta cheia de gás, querendo fazer tudo no mundo e esbarra na questão financeira, aí, vamos fazer projeto para poder pegar recurso, para poder trabalhar. Aí, mandava projeto para o CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], aí o CNPq dizia: *“seu projeto tecnicamente foi aprovado, mas não tem recursos.”*, porque eu trabalhava com fontes alternativas de energia, que hoje está no auge, mas na época, ninguém valorizava. Então, outra vez mandei *“não foi aprovada, mas está na lista de espera”*. Sei que eu fiz dois projetos de CNPq e digo *“tchau, não faço mais nunca, nada!”*. Aí, consegui fazer um projeto pequeno para o BNB [Banco no Nordeste], consegui recurso, aí voltei para cá e fiquei no núcleo de energia. Então, comecei a dar aula, a fazer pequenos projetos, primeiro projeto que fiz foi de onze mil reais. Fiquei feliz da vida porque ganhei onze mil reais em 1995 ou [19]96, não sei (...) sei que foi para gente fazer (...) tinha tido um bum de biodigestores, acho que na década de [19]70, [19]80, por aí assim, e teve um programa que instalou vários biodigestores na Paraíba. Então, eu fiz uma proposta de fazer um diagnóstico de como estava esses biodigestores, então, tinha que visitar e identificar se estava funcionando, o que tinha acontecido (...). Bom, esse eu recebi onze mil reais, uma beleza. Aí depois, esse foi do BNB, depois, acho que foi da FAPESQ [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Paraíba], sei mais não (...) sei que eu fiz alguns pequenos projetos, dando aula e me metia em tudo que é conselho universitário. Sobre conselho, depois eu coordenei um projeto grande no âmbito da UFPB [Universidade Federal da Paraíba], que era de uso eficiente de energia na universidade, esse pegava todos os campi, depois, outro projeto grande que foi a construção do Laboratório de Metrologia, que é esse último bloco, que tem ali na Engenharia, esse vermelho e branco, aquilo ali foi eu que elaborei junto com o professor Freire, elaboramos o projeto e conseguimos quatro milhões de reais para montar o laboratório, o laboratório está montado e subutilizado.

Raquel Guedes: Nessa trajetória inteira, em algum momento você se sentiu restringida por ser mulher por parte dos profissionais da área, pelos seus colegas de trabalho ou até na sua vida familiar? Porque é muito difícil, maternidade, casa, trabalho, projeto, não é?

Moema Soares: Olha, eu sempre digo o seguinte: você vê o que quer. Então assim, eu acho que nunca dei importância para isso. Tanto é, você me pergunta isso, eu procuro na cabeça e não consigo lembrar, porque se houve, foi insignificante e eu passei por cima, entende? Eu sou feito um trator, quando quero as coisas, eu me dano e sai do meio, quem tiver no meio. Então, posso te garantir o seguinte: eu nunca deixei de fazer nada por ser mulher, por algum impedimento (...) e não lembro de fato que eu possa relatar que mostre, mas também eu sei que no âmbito da universidade é uma situação completamente diferente. Se você for conversar com alguém que trabalha no mercado, fora, eu tenho certeza de que a história é diferente. Na universidade não, primeiro porque o salário é o mesmo, você não tem diferença nenhuma, não tive nenhum problema para me candidatar a chefe de departamento, me candidatar a diretoria da ADUFCG ou participar dos órgãos do colegiado pelo fato de ser mulher, nunca. Então assim, não registro. Te juro, eu procuro (...) uma vez, eu acho que até consequência da primeira entrevista [que fizemos], eu fiquei *“meu Deus, como é que pode? não tem, não? Não é possível que não tenha. Porque todo mundo tem, as mulheres todas contam, por que eu não conto?”*. É uma coisa muito simples: eu não registrei! Pronto! Deve ter acontecido, mas para mim, estou me lixando, deixei para lá e tchau.



Raquel Guedes: É uma postura admirável, se não serve para você, não tem motivo para você guardar para a sua vida.

Moema Soares: Exatamente! Eu lembro assim, às vezes, logo quando eu cheguei na universidade, que eu comecei a dar aula, eu tinha vinte e três anos de idade. Então, primeiro eu chegava, os alunos pensavam que eu era aluna também [Risos]. Uma vez, eu cheguei em uma sala, que tinha uns alunos que estavam estudando, botavam a cadeira no meio e estavam estudando, e eu cheguei para dar aula e eu disse *“bom dia, bom dia (...) a gente vai (...) eu estou precisando dessa sala”*, aí, o menino olhou e disse *“e eu também”*, aí eu disse *“é, mas eu estou precisando para dar aula, eu sou professora”* *“eita, desculpe professora, desculpe”*. E assim, eu lembro que tinha assim, os professores mais antigos que eu sentia como um paternalismo, sabe? Como quem diz assim, *“não, deixa eu cuidar dela, porque ela é mulher”*, eu sentia nesse sentido. Às vezes, sabe? Como uma proteção para comigo, pelo fato de eu ser jovem e mulher, mas assim, isso foi depois de muito eu procurar [na memória], eu penso assim, como isso era agradável, eu guardei. [Risos].

Raquel Guedes: Por ter sido aluna daqui, acaba que se tem essa proteção.

Rafael Ribeiro: Como foi ter começado a trabalhar com pessoas que foram os seus professores? Como foi essa relação, além desse paternalismo?

Moema Soares: Olha, na época, era pouca gente, eram poucos alunos, a escola era pequena, você conhecia todo mundo. A relação professor com aluno era muito mais amigável, não tinha essa hierarquia, tanto é que a gente chamava Tejo, Rocha (...). A gente nem chamava professor Tejo, só os mais velhos que a gente chamava de *“Professor Deepe”* que era o indiano, o *“Professor Bill Brandt”*, que morreu recentemente, mas normalmente chamava todo mundo. Mesmo como aluno, a gente chamava pelo nome, porque também eram jovens professores, tinham muitos professores bem jovens, então não foi difícil não, entende? A gente sair, vamos dizer assim, do lado de aluno e daqui a pouco entrar como professor, não foi muito complicado, não. Agora, teve um grande embate dentro do departamento, um embate político, que era mais ou menos assim: os jovens contra os mais antigos, porque a gente estava saindo da ditadura naquela época, o negócio era democracia, todo mundo queria votar, todo mundo queria (...), o que você mais queria era isso, então teve um racha, uma briga de poder feroz dentro do departamento. Foi interessante, porque na época o chefe de departamento era o professor Faustin, um dos mais antigos. Teve uma época, não lembro mais que ano, mas que foi feito uma homenagem a ele na colação de grau e eu que fui escolhida para fazer a homenagem para ele. Aí tinha que evidentemente fazer um breve histórico da vida dele, então fui conversar com ele e ele tinha sido chefe de departamento por um curto período, aí lá fui eu *“Professor, por que o senhor saiu tão rápido da diretoria, da chefia do departamento?”* [Risos]. Ele respondeu: *“E não foi vocês que me botaram para fora?”* Eu não me lembrava (...) quer dizer, botaram para fora entre aspas, ele se sentiu pressionado e saiu. Justamente, era o grupo dos mais jovens que pressionou e ele terminou renunciando, aí foi feito eleição, etc., e eu não me lembrava disso. Eu fiquei (...) me enfiei lá embaixo, eu digo *“Foi mesmo, nem lembrava”*. Quem faz não lembra [Risos]. Aí isso foi interessante.

Raquel Guedes: E nas suas turmas, como é o percentual de mulheres?

Moema Soares: Poucas e com o passar do tempo, acho que foi piorando a situação. Eu não sei, eu não sei explicar esse fenômeno não, sabe? Mas ao invés de ir aumentando, foi diminuindo. Eu cheguei a ter uma turma onde só tinha uma aluna. Ela hoje, inclusive, mora na França. Ela foi fazer doutorado lá, terminou casando-se, depois voltou, queria ficar aqui, mas foi naquela época em que não tinha concurso, não tinha como (...) ela ainda ficou um tempo como professora visitante, mas como tinha casado com um francês, ela terminou voltando e hoje em dia vive na França há mais de 20 anos, acho. Então, essa turma só a tinha de mulher e sempre tinham poucas. Tinha período que eram duas, três, quatro (...) eu não sei o que acontece (...) assim, talvez, uma coisa que eu fico pensando, talvez na minha geração era aquela época que tinha, era um rescaldo da libertação sexual, que a mulher começou a ir para todos os lugares, se libertar, eu acho que assim (...) a engenharia era um símbolo, vamos dizer assim, um reduto machista, não é? Que era uma forma de invadir, de chegar lá, entende? Pode ser que tenha alguma coisa a ver com isso, então na minha turma tinha muita gente e depois nas outras turmas, como a da minha irmã também tinha muita mulher, mas depois foi caindo, caindo. Eu não sei hoje como é que está, porque também, já fazem oito anos que estou aposentada, mas nas últimas turmas tinham poucas mulheres.



Raquel Guedes: Nas outras turmas as quais conferimos, esse número é realmente pequeno, nunca passa os 10%. O mais assustador é que na pós [graduação], [o número de mulheres] é menor ainda.

Moema Soares: Olhe, se você quiser, pois não sei se vocês têm esses dados, em 1973, a minha turma. Dá uma olhada, eu me lembro que era muita menina, eu não me lembro quanto alunos eram (...) eram 40, 50. Eu tenho essa relação, porque a gente fez a festa de 30 anos. Não, na realidade, a festa de 30 anos de formados era com quem terminou, não foi com quem entrou, porque muita gente desistiu, outras se atrasam (...) tanto que na turma de 30 anos, a gente fez a do meio do ano e a do fim do ano, juntou as duas de quem terminou em [19]73. Tinha muita gente da minha turma, mas tinha muita gente da turma anterior que tinha ficado. Acho que quem entrou (...) acho que Bené que tem a relação.

Raquel Guedes: Seus filhos seguiram também a área de Engenharia?

Moema Soares: Não, um fez Biologia, a filha fez Relações Internacionais [Risos]. Ninguém! Agora, o neto, eu tenho certeza (...) eu não influencio, a gente nunca influenciou, mas eu tenho certeza de que ele vai ser engenheiro. Ele tem cabeça de engenheiro, menino, ele adora lego, ele pega esses legos que tem moto, tem carro e tem um motor mesmo, ele desmonta aquilo tudo, faz outra coisa. Ele fez em um dia desses, de uma moto, ele fez uma cadeira de roda que girava. Então, ele tem um senso incrível de noção. De noção, de movimento, de engenharia. Ele disse que quer ser piloto de avião, mas acho que ele vai ser engenheiro [Risos].

Raquel Guedes: Muda, daqui para lá, muda. Eu ia ser bailarina e olha eu aqui como Historiadora [Risos].

Moema Soares: E eu não queria ser médica [Risos]. Meu irmão que é Médico Veterinário, quando ele era pequeno, ele dizia que queria ser um boi. Ele queria ser um boi, depois quando ele entendeu que não podia ser um boi, ele queria ser um vaqueiro. Esse manteve a linha, terminou Veterinário. [Risos].

Raquel Guedes: Quando você se aposentou, como foi a vida? Não aguentou ficar em casa [interrompida].

Moema Soares: Na realidade, não parei nunca. Porque assim, eu me aposentei, eu deixei de dar aula. Eu digo assim, eu não me aposentei, eu deixei de dar aula. Que foi uma coisa maravilhosa, porque eu já não aguentava, eu já estava com vontade (...). Porque assim, apesar de ser engenheira, eu sempre li muito, eu sempre tive uma visão mais aberta, uma noção de política, do que acontece no mundo. Eu não sou engenheira, daqueles que só sabe engenharia, só sabe tecnologia. Menina, esses meninos não sabem escrever uma linha, pelo amor de Deus. Olhe, isso me dava uma angústia. E o pior, você não pode pegar um menino (...) eu dava disciplina já do profissional, como é que você vai fazer um menino escrever já nessa fase? Se você passou a vida inteira sem escrever, como é que você vai escrever? Então, resultado, deixei de dar aula, só. Mas eu já fazia essas avaliações pelo INEP [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira] e continuei fazendo, quando eu me aposentei. Sim, eu estava coordenando esse projeto de construção de laboratório. Eu continuei ajudando, porque como eu não podia mais coordenar, estava aposentada, foi nomeado um novo coordenador e “por acaso”, colocaram como coordenador, meu marido, porque sabiam que eu ia ajudar. Se bem que eu já tinha dito “*olha, quem assumir, eu vou passar as informações, vou estar aqui, porque eu conheço a história toda,*” não é? Então, acho que foi uns dois anos ainda, nessa lenga-lenga com esse laboratório. Aí fiz esses dois projetos que eu falei com a SUDENE [Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste] e nunca parei. Não fiquei um mês sem fazer nada.

Raquel Guedes: Nem quer parar tão cedo?

Moema Soares: Às vezes eu tenho vontade de dizer assim “*não, deixa eu desligar aqui um tempinho*”. Eu desliguei um tempinho agora, porque minha filha passou no concurso para docente da Universidade Federal de Roraima e está morando lá, aí eu fui no meio de maio do ano passado levar o neto e fiquei quarenta e cinco dias lá, ajudando, até adaptar. E quando



foi agora no final do ano, a gente ficou quinze dias (...) ficou um mês, 15 de dezembro até 12 de janeiro. Pronto! Esse foi o período que eu desliguei, eu parei. Mas continuei, é claro em um ritmo diferente. Por exemplo, eu me dou o luxo de chegar aqui nove horas da manhã. Quando Carlos me chamou ano passado, em outubro, ele me chamou para assumir aqui e eu disse “Carlos, só tem uma condição: eu não quero horário fixo, não, eu dou conta do que precisar, mas eu não quero essa história de horário fixo, não”. Primeiro que eu tenho as avaliações, vez por outra eu tenho que viajar, depois, eu não queria ficar saindo nas carreiras, porque está na hora de chegar, não. Eu vou, caminho, volto, tomo meu banho, tomo café, para poder chegar. Pronto, me dou esse luxo.

Raquel Guedes: Depois de tanto tempo em sala de aula, merece mesmo. Na sua vida, qual foi o seu maior desafio?

Moema Soares: Foi fazer o doutorado.

Raquel Guedes: Foi o que deu mais trabalho [interrompida]

Moema Soares: Foi pesado! Eu já saí daqui com uma questão muito séria que era a do meu filho. Ele estava (...) ele já tinha recuperado, quando ele saiu do hospital depois desses 12 dias que ficou em coma, ele não falava, ele tinha dois anos, ele deixou de falar, de andar, nem a cabeça ele segurava. Era como se fosse um bebê. Então, a gente começou a pensar e todo mundo dizia o seguinte: não existe nenhum prognóstico, a gente não sabe o que ele pode recuperar. Agora, muito importante é o estímulo. Então, todo dia ele fazia fisioterapia. A fisioterapeuta ia lá para casa de manhã e de tarde eu fazia tudo o que ela fazia, tudo que ela fazia, eu repetia a tarde. Todo dia a gente o levava para a piscina, a pediatra dele tinha piscina em casa, eu saía da universidade, pegava ele e ia para casa dela. Ele gritava, as empregadas ficavam olhando, acho que elas diziam assim “Eita, que mãe desnaturada”, porque ele gritava. Então, com isso ele foi recuperando. Resultado, hoje em dia ele faz judô e é faixa preta. Ele fez o curso de Biologia, ele dirige. Agora assim, ele é mais lento, faz as coisas mais devagar. A motricidade fina ainda tem certo comprometimento, mas tem gente que nunca teve nada, nunca passou por nada e é devagar. Aí resultado, a gente foi para lá com o menino, ele estava com quatro anos, quer dizer faziam dois anos que tinha acontecido isso e ele tinha muita dificuldade motora, intelectual nenhuma, mas para fazer as coisas, era muito lento. Aí, você imagina, chegar num país, que não fala a língua e que não tem ninguém conhecido (...). E a menina, ele tinha quatro anos e a menina tinha seis, então eu tinha que gerenciar isso, a escola era bem perto de casa, tinha esse centro, eles mandavam um táxi, pegava o menino na escola, levava para o centro, lá ele fazia todas as atividades e depois o táxi trazia de volta para a escola. A cada três meses tinha uma reunião com o pessoal da escola, da família e o pessoal do centro para avaliar o que precisava estimular. Isso foi uma benção! Mas veja, isso é coisa que lhe desfoca, não tem essa história, todo mundo que sai para fazer doutorado, é para fazer doutorado. Comigo não, já comecei com essa dificuldade. Aí depois, meu marido ia para o laboratório e ficava até a hora que precisasse, 21 ou 22 horas da noite. Eu não! Às 17 horas, podia ter a coisa mais importante que tivesse, eu tinha que sair para pegar os meninos na escola e vir com eles para casa, para cuidar de comida, dar banho etc. Depois de um ano, a gente saiu de férias, quando volta, minha orientadora tinha sido assassinada por um colega de laboratório, ele era o técnico de informática do laboratório, morava com ela e tinha problemas psiquiátricos sérios. A gente não sabia! Sabe esse povo quieto, calado, que você diz assim: “*não mata uma mosca, não ofende uma mosca*”, era ele. Então, eles moravam juntos, ela era chefe do laboratório, e aí disse que ele teve uma crise. Eu não sabia, a gente saía para almoçar junto todo dia, a gente saía, as vezes atravessava ali a rua e ia tomar um cafezinho de frente, era um cara tranquilo. Muitas vezes eu fui almoçar na casa dela. Resultado: ele entrou em crise, ela tinha marcado uma consulta à tarde em um médico com ele, mas pela manhã, ele a matou. Aí, resultado: volto.

Raquel Guedes: Só um parêntese, eles moravam juntos e tinham alguma relação?

Moema Soares: É, eles viviam juntos como marido e mulher. Resultado: eu me vi sem chão. A escola não deu o menor apoio para a gente que era do laboratório dela, cada um que teve que se virar para procurar para onde ia. Nenhuma carta de recomendação eles não deram. Então, eu fiquei 3 meses (...) a sorte que assim, eu conhecia pessoas por intermédio dela, inclusive nesse laboratório que eu fiquei, eu fui procurar um professor que era amigo dela na escola que eu estava, era a escola de Agronomia. Lá não tinha restaurante, a gente almoçava todo dia no restaurante do Instituto de Engenharia Química, então eu conhecia esse professor de lá. Eu fui falar com ele, ele disse: “*olha, eu não posso ficar com você porque*



estou me aposentando daqui a dois anos, mas vou indicar você ao professor Michel Prevost, que é quem vai me substituir". Então, foi esse bendito que me orientou. Tive essa dificuldade que eu já relatei, que não deu tempo terminar e voltei para cá. Quando eu estava aqui, que eu comecei a escrever eu mandava para o orientador, escrevia um capítulo e Michael Fossi, não sei se vocês conhecem, lá da pós-graduação, ele é da pró-reitoria da pós-graduação, ele é professor daqui. Michael Fossi tinha sido orientando dele, aí eu escrevia e mandava para Michael, pedia para Michael corrigir e mandava para ele. E ele nenhuma resposta. Eu sei que mandei capítulo por capítulo, mandei todo e ele nunca me respondeu. Quando terminou, bom, não respondeu, então está tudo ok, não é? Aí mandei uma carta registrada dizendo que a CAPES concedeu a passagem e que estava indo para defender a tese. E fui, e ele nada de resposta. Fui, levei o registro da carta, quando cheguei lá, ele tomou um susto. "Você aqui? Veio fazer o que aqui?", "Vim defender a tese". "Hãh?". Pois é! "Mas, 99% que volta sem a tese, não retorna". Eu disse: não tem 1% que retorna? Então, pois eu faço parte desse 1%". "Mas como?". Eu disse "mandei capítulo por capítulo, o senhor não respondeu, achei que estava tudo ok, mandei dizer que estava vindo". "Não, eu não recebi essa carta!". "Pois está bom!". Aí eu estava com registro, fui ao protocolo e disse, eu quero ver quem que recebeu essa correspondência e estava lá o livro de protocolo, com a assinatura que eu não sabia de quem era. Eu digo "posso levar para a secretaria do laboratório para saber quem é?", "pode!". Levei, a secretária disse "essa assinatura é minha e se eu assinei, eu entreguei a ele, ele recebeu". Beleza, devolvi protocolo, voltei na sala dele, mostrei e disse "olhe, esse é o protocolo da correspondência que eu mandei, que Viviane respondeu, recebeu e ela disse que lhe entregou." Ele disse "a mim não", eu fiquei olhando a mesa, porque esses envelopes amarelos, aqueles grandes (...) o amarelo da gente é diferente do amarelo deles, entende? Aí eu fiquei olhando a mesa dele, procurando, procurando (...) aí eu vi uma pontinha amarela diferente, eu digo, é aquele. Eu disse: "posso puxar?". "Pode!", era ele, lacrado. O homem foi tão descarado que disse: "mas aqui dentro não tem nada", eu disse: "abra". Menina, olhe, ele não tinha onde se enfiar. Quando os franceses não têm o que dizer, dizem "estou desolado", eu disse "eu também" e fui embora. Resultado: ele pegou a minha tese, passou para esse professor que eu procurei no começo, que já estava aposentado, mas que continuava lá, dando colaboração. Então, foi o professor Bugarel que leu minha tese, que corrigiu e que finalmente (...). Tem muito mais detalhes nessa história. Quando eu estava para vir, para defender o doutorado, tinha que ter uma publicação a nível internacional, podia ser congresso, não precisava ser obrigatoriamente revista. Eu saí de lá no começo de outubro, no final de outubro tinha um congresso na Itália, ao qual eu tinha mandado um artigo e ele foi aceito. Eu deixei as transparências, porque naquela época eram transparências, tudo preparado, tudo pronto e eu entreguei para ele ir apresentar no congresso, quando eu estava aqui no Brasil, para minha sorte, eu digo, meu anjo da guarda é poderoso, eu publiquei um artigo. Teve um congresso internacional em Belém do Pará e eu mandei o artigo, foi aceito. Eu fui lá e apresentei [o artigo], e quando volto para defender a tese, que lá era um dossiê, que entregava para pedir a submissão [à banca examinadora]. [Eram exigências] você ter um manuscrito original e cópia dos artigos apresentados. Eu tinha, mas no Brasil. Então fui procurar o outro [artigo apresentado] da Itália, que eu já tinha procurado e não tinha achado. Também já tinha perguntado a ele e ele dizia que ia procurar. Fui à biblioteca, não tinha a internet para qualquer um meter a cara a fuçar e achar, não tinha isso, mas tinha uma busca que a secretária fazia. Primeiro, procurei em tudo que é canto, procurei e não achei. Então, fui falar com a secretária (...), a bibliotecária, expliquei para ela a situação que eu estava precisando, ela disse: "mas minha filha, não é melhor você procurar Prevost?". Prevost era o orientador, então eu caí no choro, estava numa tensão (...). "Calma, calma, o que foi?". Eu disse: "olhe, faz um mês que eu estou pedindo isso a ele, ele nunca me entregou". Ela procurou por título, por autor, por congresso, por onde você possa imaginar. Não existe! Aí eu fui para secretaria, era Viviane, faziam dois anos, não fazia tanto tempo assim. Quando eu saí, "você sabe se Prevost foi para esse congresso na Itália?". Ela disse "eu tenho certeza absoluta que ele não foi, porque ele não fez nenhuma viagem para o exterior, nesses dois anos". Ou seja, se eu não tivesse apresentado aquilo no congresso do Brasil, eu não tinha feito o doutorado. Ele é tão descarado, que depois que eu terminei, concluí, apresentei e tal, quando estava para ir embora, ele disse: "ah, assim, eu tenho um artigo aqui para te entregar". Eu fiquei olhando para a cara dele, ele me entregou o material que eu entreguei para ele apresentar. Eu não disse nada, só olhei para a cara dele assim como quem diz está pensando que eu sou imbecil? Disse nada, mas foi um desafio. E assim, eu tenho certeza, absoluta que eu só fiz o doutorado porque não sou de desistir de nada do que eu quero. Quando eu vou, saí da frente, não uso métodos escusos não, mas o que eu quero, eu vou atrás. Eu vou para tudo que é lado e consigo, se não, tinha deixado pela metade. Mas esse foi o grande desafio da minha vida, eu acho.

Raquel Guedes: Nessa vida, você acha que faltou alguma coisa para fazer?



Moema Soares: Faltar sempre falta, não é? [Risos]. Se você disser que não tem nada para fazer, está esperando para morrer [Risos]. Porque assim, tem coisas que foge da sua alçada, não é? Tem coisas que você espera que os outros façam, mas que não acontece, mas que independem de você. Você não pode mandar na vontade de ninguém, você não faz a parte do outro, isso você não pode fazer, não. Eu não diria que não faltou nada, eu acho que olhando para trás, olhando meu percurso, eu acho que (...) só não tem beleza, só não tem coisa boa, passei por muitas dificuldades, perigosas, difíceis com a doença do meu filho, com a doença do meu marido, pois foi muito grave, depois tive um câncer de tireoide, mas isso foi fichinha. Isso não foi nada em relação a todo o sofrimento que passei anteriormente com eles dois, mas não tenho nada do que reclamar. Agradeço a Deus, aos familiares, aos amigos e aos inimigos também, porque terminam impulsionando a gente. Hoje sou espírita e na época não era, durante muito tempo não tinha religião. Assim, tive uma formação católica, depois deixei para lá e eu me lembro muito do meu pai, meu pai dizia assim, hoje em dia eu o entendo, ele dizia assim: *“pelo amor de Deus, vá para um culto, vá para macumba, vá para igreja, mas vá para qualquer lugar, mas vá! Não deixe de ir”* (...). Ele querendo incentivar o quanto era importante a vida espiritual também. E eu, claro que metida com ciência e tudo mais, Deus era fichinha, mas levei uns puxões de orelha e hoje em dia eu digo: *“quem não acredita em Deus, é a maior burrice, porque quando você está em um buraco, você não tem saída, não tem o que fazer, então você diz, pronto, entrego na mão de Deus”*. Então, o que acontece, você transfere a responsabilidade para Deus, sua cabeça fica livre e você encontra a saída. Eu sempre digo que é uma burrice não acreditar em Deus. Assim, eu nunca deixei de acreditar, sempre acreditei, mas não seguia religiosamente nada. Depois, quando meu filho estava no hospital, ele teve uma parada cardíaca, que durou mais de cinco minutos, com dois anos de idade e o médico que atendeu ele tinha sido colega da gente de engenharia, ele fazia engenharia, deixou e foi fazer medicina. Hoje ele é cardiologista. Ele estava de plantão, foi ele que atendeu o meu filho e ele disse: *“olhe, eu fiz tudo o que tinha que fazer, ele recebeu massagem cardíaca, recebeu choque, recebeu adrenalina no coração e não reagiu”*. E segundo Fernando, para uma criança, é rápido, ou volta logo ou então acabou, não volta mais. Depois de cinco minutos, voltou e a partir daí, foi que ele ficou em coma. Fernando é espírita, e bom, na época eu sabia que ele era espírita, sei que eu não era e aí eu comecei. Meus pais também tinham livros de espíritas, mas nunca foram de participar, só com a doença do meu marido. A doença do meu filho foi em [19]86, dez anos depois meu marido teve (...). Eu não sei se foi depois da primeira ou depois da segunda cirurgia em 2001 que uma amiga perguntou se podia levar um pessoal espírita lá em casa, eu disse *“pode”* e eles foram lá em casa, conversaram, fizeram prece e convidaram para a gente participar. Aí pronto, a partir daí eu me integrei ao grupo e hoje sou dirigente desse centro espírita. A gente estava junto (...) fazia parte de outro centro, depois a gente fundou em 2002 esse centro espírita e agora em dezembro eu fui eleita presidente desse centro, agora a nossa luta é construir a sede. Então, estou em outra frente agora.

Raquel Guedes: Você pode dizer o nome?

Moema Soares: Núcleo de Estudo da Doutrina Espírita. A sigla é NEDE. Agora, a gente funciona ali no bairro do Catolé, onde foi um hospital de centro espírita. É pertinho do Luiza Motta [shopping da cidade]. Você chegar ali no Luiza Motta, não tem aquele posto em frente? Não tem uma padaria ali? Pronto, você entrando na lateral da padaria, lá na frente, no segundo quarteirão, tem um muro branco bem grande, que tem uns prédios novos lá, é ali que a gente está funcionando. Mas está funcionando emprestado, não é da gente não. A gente está construindo do outro lado do canal, de frente onde foi o sítio são João. Tem um prédio grande que tão fazendo ali, de frente tem um esqueleto ali, só as estruturas e coberta, vai ser ali, agora a gente está atrás de tijolo, cimento, ferro para fazer.

Raquel Guedes: E vão conseguir! Mas puxando um pouco mais para essa linha da pesquisa, trata-se de uma realidade em que as mulheres na Ciência e Tecnologia apresentam um percentual muito pequeno, devido a milhões de dificuldades. A gente tenta descobrir quais, como as coisas se deram, como foi a inserção das mulheres nessa área, mas sabemos que existe uma dificuldade. Então, por que você acha que existe essa dificuldade? Como você vê isso e o que acha que poderia mudar?

Moema Soares: Olhe, a primeira dificuldade que eu não restringiria só ao caso de Ciência e Tecnologia, mas é mais evidente aí, é a história de competitividade. Você tem que estar enfiado de corpo e alma nesse negócio, a gente ver aqui, tem professor que se enfia aqui, sábado, domingo, feriado, não tem férias, não tem nada. Qual a mulher que pode se dar ao luxo de fazer isso? Não tem como! A não ser que ela não case, não tenha marido. Então, por esse contexto que a gente



viveu, vive ainda, que eu não sei quando isso vai mudar, alguns séculos, talvez, que a mulher é quem gerencia a casa, o casamento, os filhos, os netos, porque eu tenho netos agora [Risos]. Então, ela não tem como se dedicar integralmente, então, evidentemente, você perde terreno. Enquanto o homem tem todo o tempo disponível para ele trabalhar e todas as facilidades para trabalhar com isso, ela não tem. Quando não tem em casa o marido que fique infernizando a vida, porque só trabalha entre homens, está arrodada de homem. O meu nunca fez restrição, mas veladamente eu percebo, mas ele não diz, ele não admite. A minha vida profissional inteira foi arrodada de homens. Aqui no departamento, apesar de ter várias professoras, mas lá só tinha Rosa Tânia que trabalhou comigo mais de perto (...). Pelo que vejo nas avaliações que faço, quando viajo (...), por duas vezes, desde 2002, eu faço avaliação de curso e só em duas vezes eu fiz avaliação com mulher. Então, quando não tem esse lado em casa, que o marido fica enchendo o saco, “*está arrodada de homem, só tem homem*” e fica freando. Então acho que isso pesa muito mais do que qualquer outra situação. Se for pensar no lado de (...) porque eu estou pensando assim, como eu vivi a vida inteira na academia, você pensa mais aqui, mas se você pensar no mercado de trabalho, fora, tem questão da licença maternidade que os caras não querem pagar, não querem dar. Como que a gente vai botar uma mulher aqui, se sabe que ela pode ficar 6 meses “sem trabalhar”, porque a história é essa, então, é muito melhor contratar um homem. Do mesmo jeito também, quando você chega em um ponto que está chefiando uma pesquisa etc. (...). Quer dizer, não tem para onde. Eu já vi várias situações, da mulher não cumprir a licença, eu fiz questão de cumprir. Essa não abri mão! Tive os filhos quando eu quis, amamenteei (...). Na época, o pessoal aconselhava amamentar seis meses, eu amamentei um ano, todo os dois. Engraçado, eu estava vendo um dia desses, aqueles protestos das mulheres pelo fato de amamentar em público e causar mal-estar. Eu tive a minha filha em [19]82 e o meu filho em [19]84, eu amamentava onde eu estivesse, no cinema, no restaurante, no bar, em praça. Quer mamar? Quero nem saber se chocava, problema de quem se chocou, estou nem aí. Amamentei! Agora, eu nunca vi nenhuma rejeição, não. Também, não sei se é porque eu não olhava, eu estava nem aí, podia falar mal de mim, reclamar, mas nunca dei bola.

Raquel Guedes: Só para encerrar, Moema. Moema se define como que mulher? “Eu sou uma mulher (...)” [Risos].

Moema Soares: Eu diria: batalhadora.

Raquel Guedes: Batalhadora e vencedora?

Moema Soares: E vencedora, graças a Deus [Chorando]! Não tem medo de assumir nenhuma dificuldade. E gosto de ser assim. [Risos].

Raquel Guedes: E sou feliz assim, isso que é o importante.

Moema Soares: Sou, sou (...). Eu estou assim, porque eu estou começando uma outra batalha agora e essa não vou dizer para as câmeras [Risos]. É motivo pessoal, eu não quero (...) [Interrompida]

Raquel Guedes: Tudo bem! Eu já ia encerrar. Gostaria de dizer mais alguma coisa?

Moema Soares: Agradecer, só. Espero que possa ter contribuído para o trabalho e continuo a disposição quando precisar.

